



Duras Letras

#acadêmico

Editor de arte e cultura

É possível ensinar poesia? aprender a desaprender

*por Isadora Urbano**

*Formação em Letras: 2019 | UFMG – Estudos Literários

*Mestranda no programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, na área de Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Para pensar sobre essa questão, uma primeira diferenciação importante deve ser entre as noções de “poesia” e de “poema”, sendo o poema uma categoria concreta, dotada de materialidade textual, visualidade e/ou sonoridade, apresentando-se para nós enquanto obra. Já a poesia, para Otávio Paz e para outros autores, como Antonio Candido (CANDIDO, 2006, p. 21-22) e Antônio Cícero (CÍCERO, 2012, p. 37-39),

é uma categoria abstrata, impalpável, que pode inclusive se mostrar presente em objetos não literários – daí a dificuldade com a definição do que é poesia, pergunta ao mesmo tempo tautológica e necessária. Por terem concretude, diferentemente da poesia, os poemas são exemplificáveis, de modo que podemos dizer que textos como a *Iliada*, de Homero, “Motivo”, de Cecília Meireles, e “amortemor”, de Augusto de Campos, são exemplos de poemas, enquanto não é viável apontar exemplos de “poesia”, uma vez que ela *pode estar ou não em um objeto* (sem entrar na discussão sobre a inerência dessa qualidade, para não desviar muito do assunto) mas *não é um objeto*.

Pensando nisso, fica mais claro que é possível ensinar, ou aprender, a ler poemas,

a analisar poemas e até a escrever poemas, já que se trata de um tipo de objeto textual que, assim como os outros, pode ser lido, analisado e escrito conforme sua lógica de procedimento. É totalmente possível, por exemplo, aprender a contar sílabas poéticas, a identificar ou criar rimas, padrões métricos, figuras de linguagem, e assim por diante, e a descrever/escrever um poema a partir desses recursos. Contudo, o que Paz argumenta é que “nem todo poema (...) contém poesia” (PAZ, 1982, p. 16), pois o poema é uma forma literária, que pode ou não estar tocada pela poesia, como ele explica mais detalhadamente no trecho abaixo:

Perguntando ao poema pelo ser da poesia, não confundimos arbitrariamente poesia e poema? Já Aristóteles dizia que “nada há de comum, exceto a métrica, entre Homero e Empédocles;

e por isso com justiça se chama de poeta o primeiro e de filósofo o segundo”. E assim é: nem todo poema — ou, para sermos exatos, nem toda obra construída sobre as leis da métrica — contém poesia. No entanto, essas obras métricas são verdadeiros poemas ou artefatos artísticos, didáticos ou retóricos? um soneto não é um poema mas uma forma literária, exceto quando esse mecanismo retórico — estrofes, metros e rimas — foi tocado pela poesia. Há máquinas de rimar, mas não de poetizar. Por outro lado, há poesia sem poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas. (PAZ, 1982, p. 16)

Assim, o que se pode aprender a analisar e criar pela via do ensino, ainda acompanhando a teoria descrita por Paz, não é a poesia, mas o procedimento ou “técnica poética” — e mesmo isso só até certo ponto, já que “cada poema é um objeto único, criado por uma ‘técnica’ que morre no instante mesmo da criação. A chamada ‘técnica poética’ não é

transmissível porque não é feita de receitas, mas de invenções que só servem para seu criador.” (PAZ, 1982, p. 20) Nesse sentido, um fazedor de poemas não necessariamente será um poeta, assim como um poema não necessariamente é provido de poesia.

Evidentemente, isso cria alguns problemas, para os quais temos mais perguntas que respostas. Primeiro, porque se não é possível dizer objetivamente onde está e de onde vem a poesia, o julgamento do leitor ou crítico a esse respeito tem muito peso na inclusão ou exclusão de determinado objeto como sendo ou não poético. (Por exemplo, a lista de compras de Drummond é dotada de poesia? Quem decide? Para refletir.) Outro problema é saber se a poesia é intrínseca, ou seja, se emana do próprio objeto, ou se

é extrínseca, isto é, se depende do olhar do observador. Além disso, a diferenciação entre poema “poético” e poema “não-poético” induz a um julgamento de valor que jamais será imparcial, pois é marcado por critérios históricos, sociais, preferências estéticas, bagagem cultural etc.

Nesse sentido, essa distinção pode favorecer um posicionamento conservador sobre a poesia, já que pode suscitar a ideia de que haja uma superioridade do poema poético em relação ao não-poético. Com isso, a presença da poesia poderia ser o critério último para dizer se um poema é bom ou ruim, mas como não é possível ensinar a poesia nem apontar objetivamente onde ela se encontra – já que não se trata de uma técnica ou um gênero textual, mas de algo abstrato

e difícil de conceituar – o julgamento com base nesse critério se tornaria radicalmente subjetivo, o que faria da tarefa da crítica literária um “vale-tudo” a critério do seu autor. Ainda assim, é importante levar em conta que a dimensão subjetiva da apreciação poética não exclui a existência de critérios mais objetivos para refletir sobre as obras. Esses critérios, é claro, vão depender da perspectiva adotada, que podem ser desde as mais restritivas e excludentes, considerando o cânone e seus grandes autores de uma maneira mais rígida, até as mais livres e relativistas, em que basicamente qualquer produção poética pode ser validada a partir de critérios que têm mais a ver com o contexto de produção do que com o “produto” poético em si. De um modo ou de outro, um fator que

pode pesar muito no julgamento do valor de um poema é a potência de reflexão que esse texto contém em si.¹ Mas claro que muitos outros critérios podem ser utilizados, e o “bom” ou “ruim” vão variar de acordo com essa determinação.

Por exemplo, se a ideia de um “bom” poema for só o que tem rimas ricas, automaticamente os poemas em prosa ou em verso livre vão ser classificados como “ruins”, mas se o critério muda, a classificação também pode mudar, e então passar a excluir ou incluir outras obras.

Assim, permanece o dilema: fazer a crítica judicativa (avaliando um poema como “bom” ou “ruim”) com fundamento em critérios subjetivos e provavelmente excludentes, ou evitar o julgamento de valor e propor uma crítica que se pretenda não-valorativa. Talvez este seja um falso dilema, já que é impossível se desprender totalmente das ideias de valor que subjazem à cultura e história individual, que se manifestam desde a escolha do objeto que será analisado (por que não fazer crítica literária de

1. Talvez um outro critério interessante pra pensar o poema, não necessariamente para julgar se é bom ou ruim, mas para considerá-lo com mais calma, seja o de pensar no grau de “surpresa” que ele pode trazer, tanto na forma como no conteúdo. Se a ideia é pensar a surpresa na forma, rimas de verbos infinitivos em -ar, por exemplo, não são boas rimas porque são óbvias: acontecem o tempo todo, até sem querer. Uma rima como a de Caetano em “Não identificado”, em que ele canta “romântico / um anticomputador (...)” já seria mais interessante, por ser mais incomum e pensar a relação de semelhança sonora entre o “-ântico” (de romântico) e o “anti-com-” (de anticomputador). Já se a ideia for pensar a surpresa nas imagens, podemos observar que algumas metáforas são mais desgastadas, como a aproximação entre a mulher e a flor ou a lua, ou os olhos e as estrelas, etc. Outras, por sua vez, podem não só ser mais inovadoras

como também possuir mais níveis de similaridades, aumentando o potencial de reflexão da imagem produzida. Lembrando que esse fator é apenas um de muitos parâmetros possíveis, já que também poderíamos levar em conta fatores sociais (quem produziu? de onde veio? qual seu grau de escolarização? qual o seu vínculo com a tradição poética? etc), filosóficos (sobre o que esse poema reflete? como essa reflexão ajuda a entender o mundo ou o eu ou a vida?), pessoais (quais sentimentos esse poema suscita no leitor? como ele dialoga com as vivências íntimas de cada um?), históricas (a qual escola literária ele pertence? qual a sua relação com essa tradição, de manutenção ou transgressão?), e assim por diante. Por isso seria difícil, senão impossível, estabelecer critérios universais. O que não significa, volto a dizer, que não seja possível construir critérios e trabalhar a crítica a partir deles, e tampouco que a crítica se restrinja a decidir quais são os “bons” e quais são os “maus” poemas.

um livro de receitas ou de um calendário?) até a seleção do recorte teórico, da linguagem, do veículo midiático, entre tantos outros fatores que atestam um posicionamento do crítico. Talvez a questão seja melhor problematizada não em termos de se fazer ou não uma crítica valorativa mas de se assumir a parcialidade e se responsabilizar, enquanto crítico, pela posição adotada. Sobre esse tema, sugiro a leitura dos capítulos “O que é literatura?”, do livro *Teoria da Literatura* (2006), de Terry Eagleton; e “A literatura”, da obra *O demônio da teoria* (1999), de Antoine Compagnon.

Feita essa distinção (e todas as ponderações que pegaram carona no debate), voltemos às questões, agora sem a ambiguidade: é possível ensinar poesia? Em especial: é possível ensinar a liberdade (ou o exercício da liberdade), a fruição da poesia? Já adianto que, para essas perguntas, não

tenho as respostas, apenas algumas reflexões. Uma delas, que me parece fundamental, é que a poesia está ligada à capacidade de transformação, de insurreição simbólica e de subversão dos signos, sendo antes uma arte de “desaprender” que mais um objeto a se aprender (ou apreender). Citando o verso de Manoel de Barros, do *Livro das Ignorâncias*: “Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.” A poesia, nessa forma de pensar, está na possibilidade de reinventar significados, de atribuir sentidos diversos aos sentidos primeiros e supostamente necessários (aprisionados) de uma palavra; está ligada, mais uma vez com Barros, à possibilidade de “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de

ser uma begônia.” A poesia é violentamente libertadora porque sua prerrogativa é a de observar o mundo por uma perspectiva não-utilitária – é um “Inutensílio”, como afirmou Paulo Leminski –, não compulsória, não regida pela mesma lógica cotidiana da automatização das percepções.

A pergunta sobre ensinar poesia, portanto, pode ser uma pergunta sobre como “desensinar” uma leitura viciada e apática, como despertar o estranhamento frente à linguagem e ao universo, tirando o leitor de uma posição passiva ou blasé e convidando-o a perceber a sua existência de um modo menos familiar, para me valer da expressão dos formalistas russos. Essa passagem, no entanto, a esse modo de contemplação ativa ou “estado de poesia” (como o título

homônimo da canção de Chico César) talvez não possa ser ensinada – o que não quer dizer que não se possa transmitir *algo* desse olhar para o mundo. (Quanto a isso, a discussão nos levaria a um problema filosófico e/ou psicanalítico; por isso me interrompo antes de entrar nessas divagações.) Já a fruição da poesia deve se valer por si própria, como argumenta Antônio Cícero, ou não valerá de nada, e de novo entramos em uma dúvida metafísica, já que ler poesia para algum outro fim, para passar numa prova, para ser avaliado ou para aprender um idioma, por exemplo, não seria um “modo poético” de fruição da poesia, criando certo embaraço para tornar compatíveis a sala de aula (o regime da obrigação e da finalidade) e a fruição poética (o regime da liberdade e da

gratuidade). Contudo, é preciso pensar, de um ponto de vista materialista, que muitos só terão a oportunidade de ler e conhecer o universo poético por meio da escola, se não tiverem vindo de famílias e meios em que esse hábito já seja presente. Cabe ponderar se o ganho é maior que a perda quando se sobrepõem o estudo da poesia e a fruição poética. Também é preciso pensar sobre qual é o papel da escola em relação à poesia, já que a democratização (o direito à literatura) nem sempre irá coincidir com a aquisição do “gosto” pela leitura, que é contingente mas depende do acesso e do letramento adequados.

Referências

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas, 1985.

CÍCERO, Antônio. **Poesia e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. RJ: Nova fronteira, 1982.

Todos os direitos reservados.

Como citar:

URBANO, Isadora. É possível ensinar poesia? Aprender a desaprender. **Duras Letras**. Disponível em: <<https://durasletras.com/2021/12/10/e-possivel-ensinar-poesia/>>. Acesso em: dd/mm/aa.

Texto

Isadora Saraiva Vianna de Resende Urbano

Diagramação e projeto gráfico

Gabriel Reis Martins

Contato

contato@durasletras.com